



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2013

**MARIA TERESA
TORRES DA SILVA
PÉROLA**

**PERSONALIDADE, REGULAÇÃO EMOCIONAL E
IRA: RELAÇÃO COM A EXTERNALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel Santos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e sob a coorientação da Doutora Paula Vagos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais, sem eles nada disto seria possível.

o júri

presidente

Prof^a. Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo
Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Prof^a. Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos
Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro

agradecimentos

À Professora Isabel Santos e à Professora Paula Vagos, por toda a atenção e disponibilidade incansável ao longo deste percurso. Um muito obrigada pela exigência e rigor científico impostos, que tanto contribuíram para o meu crescimento pessoal e académico.

À Dr.^a Ana Gomes, pelas valiosas sugestões, críticas e apoio prestado. A toda a sua amizade e dedicação.

À Dr.^a Sofia Canário pela sua receção e acolhimento no E.P., bem como pela sua disponibilidade. A todos os restantes TSR do E.P., pela companhia e partilha de experiências, principalmente à Dr.^a Catarina, Dr.^a Olinda, Dr.^o Paulo e Dr.^a Graça.

Aos reclusos do E.P.P por aceitaram participar neste trabalho.

Aos meus pais, por todo o carinho, apoio e amor que incondicionalmente sempre me deram e por me terem permitido crescer com os melhores valores. A toda a minha família, pais, irmão, avós, tios e primos pelas palavras de carinho, força e paciência ao longo destes anos, e um grande obrigado por viverem de forma entusiástica cada conquista minha.

Ao grupinho de amigas de sempre, Ritinha, Sofia, Tânia e Teles, que sempre me acompanharam e me deram força, principalmente nesta conquista. Obrigada pela amizade e pelos momentos inesquecíveis que nos unem.

Às amigas que Aveiro deixou-me no coração, Mariana, Ana Maria, Ana e Rita, obrigada por terem feito parte da minha vida académica, por terem sido a melhor companhia, sem vocês não teria piada nenhuma. Às recém-chegadas, Filipa e Carla, pela partilha de bons momentos.

À Liliana, Sarah e Gracinda, por me terem acompanhado durante todo o meu percurso académico e pela amizade que nos une.

À Joana, pela amizade duradoura ao longo deste anos, pela paciência nas horas mais difíceis e pela companhia insubstituível.

À Gina, por saber que posso contar sempre com ela, sem sentir a sua presença física.

Ao amigo Tiago pela amizade incondicional em todas horas, obrigada por tudo.

À Ana, companheira no E.P., agradeço os momentos partilhados e a ajuda prestada.

À minha grande família do 902, pela pessoa que sou, pelo crescimento que me proporcionaram, sem o apoio e a amizade de todos nada seria igual.

A todos os meus amigos, pela amizade e carinho que me preenchem.

palavras-chave

Externalização, personalidade, regulação emocional, ira, inventário de externalização, Modelo dos Cinco Fatores.

resumo

A externalização é uma dimensão da personalidade que envolve um espectro de comportamentos antissociais e violentos. Na sua conceção relaciona comportamentos antissociais, traços de personalidade associados à desinibição e à agressão, e dependência de substâncias. Considerando que tanto as dimensões da personalidade como as variáveis associadas à expressão e regulação da ira poderão ser um antecedente das tendências externalizantes, este estudo pretendeu avaliar de que forma os domínios de personalidade incluídos no Modelo dos Cinco Fatores, as estratégias de regulação emocional e a ira predizem a externalização, comparando um grupo de reclusos com um grupo de não reclusos. A amostra incluiu 60 reclusos do Estabelecimento Prisional do Porto e 25 participantes não reclusos do sexo masculino, avaliados com o Inventário de Externalização – versão reduzida (IE), o Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI), o Questionário de Regulação Emocional (QRE) e o Inventário da Expressão da Ira Estado-Traço (STAXI-2). Concluiu-se que a população reclusa em comparação com a população não reclusa apresenta maiores níveis de externalização, maiores dificuldades ao nível da regulação emocional e maior expressão da ira. Para o grupo de reclusos verificou-se que o neuroticismo prediz de forma significativa a desinibição geral, com a reavaliação cognitiva como preditor adicional. A ira-estado foi o único preditor significativo da agressão insensível. Para o grupo de não reclusos, a conscienciosidade foi preditor significativo da agressão insensível, sendo a ira-traço um preditor adicional deste fator e do fator de desinibição geral. A supressão expressiva foi o único preditor significativo do uso de substâncias.

Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão da externalização, bem como dos fatores que podem tornar a sua expressão distinta em grupos normativos e grupos de reclusos. Podendo sugerir-se que os indivíduos com níveis mais elevados de externalização apresentam características de baixa tolerância à frustração, níveis elevados de hostilidade e impulsividade. As dificuldades ao nível da regulação emocional estão intimamente ligadas à forma como posteriormente estes indivíduos processam as emoções, podendo contribuir para o modo como se comportam socialmente.

keywords

Externalizing, personality, emotion regulation, anger, externalizing spectrum inventory, Five Factor Model.

abstract

Externalizing is a personality dimension that involves a spectrum of antisocial and violent behavior. It relates antisocial behaviors, personality traits associated with disinhibition and aggression, and substance abuse. Considering that both personality dimensions and variables associated with the expression and regulation of anger may be antecedents of externalizing behaviors, the aim of this study was to evaluate the predictive role of personality (according to the Five Factor Model), as well as the role of emotion regulation strategies and anger in externalizing behaviors by comparing a group of inmates with a group of non-inmates. The sample included 60 male inmates of the Porto Prison and 25 male participants not inmates, assessed using the Externalizing Spectrum Inventory – brief form (ESI), the NEO Five Factor Inventory (NEO - FFI), the Emotion Regulation Questionnaire (ERQ) and the State-Trait Anger Expression Inventory (STAXI - 2). Results show that the inmates compared with the non-inmates had higher levels of externalizing behaviors, greater difficulties in emotion regulation and greater expression of anger. For the group of inmates it was found that neuroticism significantly predicts the general disinhibition, and cognitive reappraisal was an additional predictor. State anger was the only significant predictor of callous-aggression. For the group of non-inmates, conscientiousness was a significant predictor of callous-aggression, and trait anger was an additional predictor of this factor and of the general disinhibition factor. Expressive suppression was the only significant predictor of substance abuse. These results contribute to a better understanding of externalizing, and of the factors that may make its expression different in normative versus inmate groups. May be suggested that individuals with higher levels of externalizing exhibit characteristics of low frustration tolerance, high levels of hostility and impulsivity. The difficulties in emotion regulation are closely linked to how these individuals subsequently process the emotions and can contribute on way they behave.

Índice Geral

Introdução	1
Metodologia.....	7
Participantes	7
Instrumentos	9
Procedimento	12
Resultados.....	14
Discussão	19
Conclusão	25
Referências Bibliográficas.....	27
Anexos.....	31

Índice Tabelas

Tabela 1 – Distribuição de participantes por categoria profissional do grupo de reclusos ...	8
Tabela 2 – Distribuição de participantes do grupo de reclusos por tipologia de crime.....	9
Tabela 3 – Distribuição de participantes por categoria profissional do grupo de não reclusos	9
Tabela 4 – Coeficientes de Correlação de Spearman entre externalização, personalidade, ira, regulação emocional, pena, pena cumprida, condenações e tempo total de reclusão ...	36
Tabela 5 – Médias e desvios-padrão para as variáveis de externalização, personalidade, ira e regulação emocional, nos grupos de reclusos e não reclusos	15
Tabela 6 – Coeficientes de correlação de Spearman entre externalização, personalidade, ira e regulação emocional no grupo de reclusos e não reclusos	37
Tabela 7 – Coeficientes de regressão associados à personalidade, ira e regulação emocional como preditores da externalização no grupo de reclusos	17
Tabela 8 – Coeficientes de regressão associados à personalidade, ira e regulação emocional como preditores da externalização no grupo de não reclusos	19

Introdução

Achenbach (1966 cit. por Tackett, 2010) foi pioneiro ao introduzir uma concepção hierárquica das perturbações mentais, aquando do seu trabalho no domínio da psicopatologia na infância, identificando assim dois espectros comportamentais, nomeadamente internalização e externalização. A internalização diz respeito à coocorrência entre sintomas ou traços associados a perturbações de ansiedade e depressão (Carvalho, Pinheiro, Patrick, Krueger, & Markon, 2007; Krueger, 2002; Krueger, McGue, & Iacono, 2001). A externalização relaciona os sintomas ou traços de perturbações associadas à dependência de substâncias e comportamento antissocial (Krueger et al., 2002). A externalização é uma dimensão da personalidade que tem sido identificada como fator de risco para comportamentos antissociais e violentos, articulando um conjunto de perturbações psicológicas comuns (por exemplo, perturbação de comportamento, perturbação de personalidade antissocial, perturbações por uso de substâncias), traços de personalidade (por exemplo, impulsividade, agressão), e problemas de comportamento (por exemplo, comportamento sexual de risco, criminalidade, abuso precoce de substâncias) (Krueger, 2002; Vrieze, Perlman, Krueger, & Iacono, 2012).

Na sua pesquisa, Krueger e colaboradores (2001) tentaram explicar o porquê das perturbações por abuso de substâncias e perturbações de comportamento antissocial tenderem a ocorrer nos mesmos indivíduos, ponderando que, tal como os traços de personalidade, as perturbações psicopatológicas comuns são organizadas hierarquicamente. O modelo hierárquico de psicopatologia define uma perturbação específica como uma manifestação de uma dimensão latente mais ampla, ao contrário do modelo categorial, em que assenta o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR) (APA, 2002), que descreve a variação psicopatológica através da variável dicotómica presença versus ausência (Krueger, 2002). A concepção hierárquica da externalização vai de encontro aos resultados dos estudos com crianças e adolescentes com problemas comportamentais e emocionais, levados a cabo por Achenbach e Edelbrock (1978; 1984 cit. por Krueger et al., 2001).

Do modelo hierárquico surge o conceito de espectro, que incorpora a ideia de um domínio de variação contínua de perturbações comuns unidas por semelhanças significativas, como sintomas, etiologia, curso e tratamento comuns (Krueger, Markon, Patrick, Benning, & Kramer, 2007; Tackett, 2010). Esta implicação de que a

externalização é melhor explicada por um modelo de espectro do que por modelos de classe, foi replicada com sucesso pelo trabalho de Vrieze e colegas (2012), com o modelo atual de externalização a incluir diversos indicadores, como o uso de drogas e criminalidade, juntamente com a hereditariedade de risco de externalização e as características do meio ambiente em que o indivíduo está inserido, isto é, oportunidade de usar substâncias, pares desviantes e falta de monitorização dos progenitores.

O espectro de externalização tem uma base biológica consistente, que tem sido demonstrada por pesquisas realizadas, ao revelarem alta hereditariedade (Hicks, Krueger, Iacono, McGue, & Patrick, 2004; Krueger, 2002; Krueger et al., 2002; Vrieze et al., 2012) e forte associação a diferentes marcadores psicofisiológicos (Hall, Bernat, & Patrick, 2007; Nelson, Patrick, & Bernat, 2011). A hereditariedade explica mais de 80% da variância do fator de externalização, enquanto as variáveis ambientais não compartilhadas, isto é, os efeitos ambientais que tornam as pessoas diferentes apesar do crescimento na mesma família, explicam a variância genética residual (Krueger, 2002; Krueger et al., 2002). A transmissão geral pode ser responsável pela semelhança familiar, isto é, os progenitores transmitem uma vulnerabilidade para um espectro de perturbações, em vez de um aumento do risco para uma perturbação em particular. Enquanto os fatores ambientais (por exemplo, pares, vivências entre irmãos) que atuam de forma independente da carga genética, aumentam o risco de semelhança de perturbações manifestas por irmãos (Hicks et al., 2004). Em termos psicofisiológicos, a externalização parece estar associada a um déficit na capacidade de automonitorização de comportamentos que dá origem a erros, evidenciado neurologicamente pela amplitude diminuída da componente de onda cerebral ERN – error related negativity (Hall et al., 2007; Nelson et al., 2011). O potencial P300/P3, máximo em áreas parietais e frontais, é outro indicador neurológico que tem sido amplamente estudado para a vulnerabilidade de externalização (Nelson et al., 2011; Patrick et al., 2006). Uma forte associação entre a reduzida amplitude do P300 e o fator de externalização foi encontrada, o que indica que a redução da amplitude do P300 é um indicador da ampla vulnerabilidade neurobiológica que está subjacente a perturbações no espectro de externalização (Nelson et al., 2011; Patrick et al., 2006).

A definição do espectro de externalização levou ao desenvolvimento de um modelo de medida da externalização baseado nos itens, de forma a fornecer um meio eficiente e eficaz de discriminar os três fatores da externalização (*Externalização ou Desinibição*

Geral, Agressão Insensível e Uso de Substâncias) (Patrick, Kramer, Krueger, & Markon, submitted). O fator *Agressão Insensível e Uso de substâncias* são parametrizados para serem independentes do fator desinibição geral (Krueger, Markon, Patrick, Benning, & Kramer, 2007). Para o fator *Desinibição Geral* contribuem indicadores do espectro de externalização como a impulsividade, irresponsabilidade, impaciência, confiança, roubo e alienação (Wander, Patrick, Krueger, Markon, & Pinheiro, 2010), diferentes daqueles que definem a agressão insensível e uso de substância. Os itens que contribuem para o fator de *Agressão Insensível* são determinados pelos indicadores que refletem agressão relacional, empatia, agressão destrutiva, procura de excitação, agressão física, rebeldia e honestidade. Os itens do uso de marijuana, problemas com marijuana, uso de drogas, problemas com drogas, uso de álcool e problemas com álcool contribuem para o fator *Uso de Substâncias* (Krueger et al., 2007). Este fator é composto por itens que refletem a experimentação, o uso geral e os problemas de menor gravidade com substâncias; os itens indicativos de problemas mais graves estão relacionados com o fator geral (Patrick et al., submitted).

A compreensão do comportamento antissocial, nomeadamente ao nível da desinibição, agressão e consumo de substâncias, pode estar dependente de fatores de personalidade (Jones, Miller, & Lynam, 2011; Miller, Lynam, & Leukefeld, 2003). Foram encontradas correlações significativas entre os traços de personalidade gerais (amabilidade, conscienciosidade e neuroticismo) e uma ampla variedade de comportamentos de externalização, incluindo a delinquência, o comportamento criminoso, e o uso de substâncias (Wite et al., 1994; Miller & Lynam, 2001; Flory, Lynam, Milich, Leukefeld e Clayton, 2002 cit. por Jones et al., 2011). A personalidade pode justificar a estabilidade dos comportamentos de externalização ao longo do tempo, visto que determinadas características da personalidade (como a impulsividade e procura de sensações) estão relacionadas com ofensas criminais (Robins, 1966; Loeber, 1982; Sampson e Laub, 1990 citado por Jones et al., 2011; Miller et al., 2003). Da mesma forma, a hereditariedade da personalidade pode explicar a hereditariedade dos comportamentos antissociais, sendo que o que se herda não será um gene para a ofensa, mas sim, uma tendência a pensar, sentir e relacionar-se com o ambiente de forma manifesta em comportamento criminal (Jones et al., 2011; Miller et al., 2003).

Os primeiros autores a conceptualizar a personalidade em termos de cinco dimensões básicas foram Tupes, Christal, e Norman (1961; 1963 cit. por Domino &

Domino, 2006), apesar da popularidade do modelo dos cinco fatores vir do trabalho de Costa e McCrae (1985; 1992 cit. por Becerra-García, García-León, Muela-Martínez, & Egan, 2013) que propuseram um extensivo programa de investigação para testar a validade e utilidade deste modelo. O modelo dos cinco fatores (“Five-Factor Model” - FFM) define a estrutura da personalidade com base em cinco domínios gerais: neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade (Costa & McCrae, 1992). O neuroticismo reflete o grau de ajustamento emocional de cada indivíduo e a sua predisposição a experienciar emoções negativas como a depressão, vergonha e stress; a extroversão traduz-se na quantidade e intensidade das interações interpessoais, o nível de atividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria; a abertura à experiência refere-se à preferência por diferentes ideias, emoções e experiências; a amabilidade diz respeito às tendências interpessoais e aos relacionamentos de um indivíduo, sendo que pessoas com níveis elevados de amabilidade tendem a ser de confiança, honestos, e empáticos, enquanto os que apresentam níveis baixos tendem a ser arrogantes, manipuladores e não se preocupam com os outros; finalmente a conscienciosidade relaciona-se com o controlo de impulsos, com a organização, persistência e motivação pelo comportamento orientado para um objetivo (Becerra-García et al., 2013; Costa & McCrae, 1992; Jones et al., 2011; Miller et al., 2003).

O Modelo dos Cinco Fatores tem sido usado para estudar as relações entre personalidade e comportamentos de externalização. Na meta análise realizada por Miller e Lynam (2001 citado por Jones et al., 2011), os autores relacionaram vários modelos de personalidade e comportamentos antissociais, sendo que as características mais relevantes foram encontradas para com o Modelo de Cinco Fatores, particularmente nas dimensões de neuroticismo, amabilidade e conscienciosidade. Investigações posteriores confirmam estes resultados, ao relacionar este modelo de personalidade e o comportamento antissocial e agressão; a amabilidade e a conscienciosidade demonstraram uma correlação negativa com este tipo de comportamentos, enquanto o neuroticismo manifestou uma relação positiva (Jones et al., 2011; Miller, Lynam, & Jones, 2008; Tackett, 2010).

As investigações com população criminal confirmam a relação entre os comportamentos de exteriorização e as características de personalidade, as quais surgem consistentemente relacionadas com a criminalidade, podendo portanto servir de foco de intervenção na prevenção de comportamentos desajustados às regras sociais (Miller et al.,

2003). Especificamente em estudos realizados com a população criminal (Becerra-García et al., 2013; Krueger, 2002; Samuels et al., 2004), que pretenderam investigar a relação de características de personalidade com o modelo dos cinco fatores, os resultados apontam para que os domínios relevantes sejam o neuroticismo, extroversão e amabilidade. Venables e Patrick (2012) estudaram a relação entre os três fatores da externalização e características de personalidade, com a aplicação do IE numa amostra de reclusos, por se tratar de indivíduos com uma propensão elevada para a externalização. Os resultados da investigação sugeriram que o fator desinibição geral foi associado com a emocionalidade negativa (por exemplo, traços de reatividade ao stress e alienação); o fator agressão insensível caracteriza-se em termos de personalidade por tendências para o narcisismo, egocentrismo, procura de atenção e interações agressivas com os outros; enquanto o fator abuso de substâncias foi associado com o traço de personalidade destemida.

As perturbações do espectro de externalização estão também intimamente ligadas ao processamento emocional; as suas representações incluem padrões de afeto e comportamento desorganizados, impulsivos e desafiadores, que aparecem envolvidos com a regulação emocional (Mullin & Hinshaw, 2007). A regulação emocional é definida como um conjunto de processos através dos quais o indivíduo influencia as emoções que experiencia, o momento da sua ocorrência e a sua expressão (Gross, 1998 cit. por Gery, Miljkovitch, Berthoz, & Soussignan, 2009; Gross & Jonh, 2003). O processo de regulação emocional engloba um conjunto de estratégias que são utilizadas para aumentar, manter ou diminuir os componentes de determinada resposta emocional (Machado, 2009), o que pode ser conseguido por recurso a várias estratégias. A reavaliação cognitiva é uma estratégia de regulação emocional, através da modificação cognitiva, envolvendo a modificação do significado atribuído à situação, com impacto na emoção experienciada pelo indivíduo. Já a supressão expressiva é uma estratégia de modelagem da resposta emocional, que consiste na tentativa de diminuir o comportamento de expressão emocional (Gross, 2002). Ser capaz de diferenciar as emoções, compreender a sua função e refletir sobre as mesmas são competências fundamentais para uma boa regulação emocional, permitindo aos indivíduos decidir o que querem expressar ou suprimir. Falhas neste processo e o uso de estratégias inadequadas de regulação emocional contribuem para o desenvolvimento de problemas de comportamento (Heinzen, Koehler, Smeets, Hoffer, & Huchzermeier, 2011; Silk, Steinberg, & Sheffield Morris, 2003; Zeman, Shipman, & Suveg, 2002).

A maioria dos estudos que se focaram no estudo da relação entre comportamentos de externalização e regulação emocional têm como base a associação entre a regulação da ira e comportamentos agressivos (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012), denotando o papel fulcral atribuído à ira no estudo das perturbações do espectro de externalização.

A relação entre a ira e problemas de externalização tem sido estudada, tendo sido demonstrada uma associação positiva entre as duas variáveis (Decuyper, De Bolle, & De Fruyt, 2011; Kim & Deater-Deckard, 2011; Zeman et al., 2002). Novaco (1994, cit. por Decuyper et al., 2011) define a ira como o estado emocional de adaptação psicossocial negativa, envolvendo a dimensão cognitiva e comportamental. A ira revela-se problemática quando a sua expressão é uma reação inadequada à situação. Segundo Spielberger e Reheiser (2009) a ira é conceptualizada como tendo dois grandes componentes, a ira como estado e a ira como traço. A ira-estado é definida como a condição psicobiológica composta por sentimentos que podem variar na sua intensidade, desde irritação ligeira a fúria intensa, estando associada à ativação do sistema nervoso autónomo. A ira-traço refere-se a uma predisposição para perceber estímulos como perturbadores e a uma tendência para responder a tais situações com elevados sentimentos de ira (Marques, Mendes, & Sousa, 2007; Spielberger & Reheiser, 2009).

Apesar de a ira ser interpretada como um potencial fator explicativo da criminalidade, principalmente em crimes violentos, os atos violentos podem ocorrer sem a presença da ira como antecedente, da mesma forma que a maioria dos episódios de ira não culmina em comportamentos criminosos (Howells et al., 2005). No mesmo sentido, os défices na regulação emocional são tidos como fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos agressivos e abuso de substâncias, ao invés de resultarem como consequência direta destes défices (Aldao, Nolen-Hoeksema, & Schweizer, 2010; McLaughlin, Hatzenbuehler, Mennin, & Nolen-Hoeksema, 2011). As diferenças individuais na capacidade de identificar e interpretar as próprias emoções e as dos outros, bem como o tipo de estratégias usadas para regular as emoções, influenciam o funcionamento social do indivíduo (Eisenberg et al., 1993 cit. por McLaughlin et al., 2011).

O presente estudo teve como objetivo avaliar e comparar o papel da personalidade, da regulação emocional e da ira nas manifestações de externalização em reclusos e não reclusos do sexo masculino. Os estudos que exploram a externalização na população

reclusa são cruciais, visto que esta população apresenta indivíduos num ponto crítico de comportamentos antissociais, que vivem num ambiente institucional potenciador de comportamentos agressivos (Howells et al., 2005). Por outro lado, são escassos os estudos que incidem sobre as associações entre externalização, personalidade, ira e regulação emocional em populações sem comportamentos de externalização evidente, o que evidencia uma lacuna na compreensão do espectro de externalização que se supõe variar num contínuo desde a normalidade ao patológico (Carvalho et al., 2007; Wander et al., 2010). Neste sentido, pretendeu-se avaliar quais os domínios da personalidade (de acordo com o FFM) que predizem de modo significativo comportamentos de externalização numa amostra de reclusos em comparação com uma amostra de não reclusos, assim como testar se a ira e a regulação emocional contribuem para explicar variância adicional àquela que é explicada pela da relação entre a personalidade e externalização. A comparação destes dois grupos poderá fornecer dados preliminares na distinção do que explica um comportamento externalizante normativo dum comportamento externalizante crítico. A aplicação do IE na presente investigação pode tornar-se uma mais-valia, na medida em que se avalia diretamente a externalização, nenhum outro instrumento avalia o espectro de externalização, desde as suas manifestações suaves e normativas às mais graves e psicopatológicas. Os estudos anteriores têm avaliado as diferentes facetas da externalização isoladamente, através de diferentes escalas, questionários, ou entrevistas que avaliam várias formas de agressão, comportamentos antissociais/criminais e problemas de comportamento.

Metodologia

Participantes

A amostra do estudo foi constituída por dois grupos, um composto por participantes reclusos e o outro foi constituído por uma amostra de participantes sem história de reclusão.

A amostra de participantes reclusos foi recolhida no Estabelecimento Prisional do Porto, sendo constituída por um total de 60 participantes do sexo masculino. A faixa etária dos reclusos varia entre os 21 e os 45 anos de idade ($M=33.57$; $DP=7.34$). Quanto às habilitações literárias dos participantes, 13.3% completou o 1º ciclo, 30% o 2º ciclo; 38.3% o 3º ciclo; e 18.3% detêm o ensino secundário. A atividade profissional foi categorizada

com base na classificação nacional de profissões, do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1994) (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição de participantes por categoria profissional no grupo de reclusos

	n	%
Sem Profissão	24	40.0
Quadros Superiores	2	3.3
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	4	6.7
Pessoal Administrativo	3	5.0
Pessoal dos serviços e vendedores	7	11.7
Operários, artífices e trabalhos similares	8	13.3
Operadores de instalações e máquinas	2	3.3
Não qualificado	9	15.0
Estudante	1	1.7

O número de condenações por recluso varia entre zero, para reclusos preventivos, e 25 ($M= 4.02$; $DP= 4.81$), com penas a variar entre os 0 meses, no caso de serem preventivos, e os 240 meses ($M=50.88$; $DP= 45.32$). O tempo de reclusão referente à pena atual dos reclusos varia entre 1 e 63 meses ($M=22.72$; $DP= 17.79$), o tempo de permanência total em reclusão, isto é, o somatório de todas as penas cumpridas até ao momento, varia entre os 2 e os 118 meses ($M=37.33$; $DP= 30.17$). O tipo de crime cometido ou alegado crime dos participantes encontra-se descrito na Tabela 2. Para efeitos de análise estatística a variável tipo de crime foi categorizada em crime violento e crime não violento, sendo que na criminalidade violenta estão inseridos os crimes contra a vida e contra a integridade física, e na criminalidade não violenta os crimes de tráfico, condução sem habilitação legal, contra a propriedade e contra o património.

Tabela 2. Distribuição de participantes do grupo de reclusos por tipologia de crime

	n	%
Crime de tráfico	29	48.3
Crime de condução sem habilitação legal	4	6.7
Crime contra a vida	2	3.3
Crime contra a integridade física	3	5.0
Crime contra a propriedade	21	35.0
Crime contra o Património	1	1.7

O grupo de não reclusos é constituído por um total de 25 participantes do sexo masculino. A faixa etária dos participantes varia entre os 18 e os 45 anos de idade ($M=30.48$; $DP=9.23$). Quanto às habilitações literárias, 12% completou o 2º ciclo do ensino básico, 8% o 3º ciclo do ensino básico, 28% o ensino secundário, 28% detém o 1º ciclo do ensino universitário e 24% o 2º ciclo do ensino universitário. A atividade profissional foi categorizada com base na classificação nacional de profissões, do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1994) (Tabela 3). Nenhum dos participantes do grupo de não reclusos tem história de condenação judicial.

Tabela 3. Distribuição de participantes por categoria profissional no grupo de não reclusos

	n	%
Sem Profissão	6	24.0
Quadros Superiores	2	8.0
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	4	16.0
Pessoal Administrativo	2	8.0
Pessoal dos serviços e vendedores	1	4.0
Operários, artífices e trabalhos similares	2	8.0
Estudante	8	32.0

Instrumentos

Na presente investigação foram utilizados o consentimento informado (Anexo I), no qual constavam os objetivos do estudo, a garantia de anonimato, a confidencialidade no tratamento dos dados e o carácter voluntário da participação. Foi também utilizado um

questionário de dados sociodemográficos e jurídico-penais (Anexo II), construído para este estudo, visando a recolha de alguns dados dos participantes, nas seguintes variáveis: idade, habilitações literárias, tipologia de crime, condenações, tempo de reclusão na pena atual e tempo de reclusão total.

Para avaliar a dimensão da externalização foi aplicado o Inventário de Externalização (IE), um instrumento de autorrelato com possibilidade de uso em amostras clínicas e não-clínicas (Krueger et al., 2007). A versão completa do IE é composta por 415 itens, existindo também uma forma reduzida, desenvolvida por Patrick, Kramer, Krueger e Markon (submitted), que é constituída por 160 itens. Na presente investigação foi aplicada a versão reduzida do inventário, que havia sido traduzido e adaptado para a língua portuguesa, na sua versão completa, por Vagos, Costa, Pereira, Silva e Santos (2010). As respostas são dadas através de uma escala tipo likert de quatro pontos, variando desde V = Verdadeiro, v = Em grande parte verdadeiro, f = Em grande parte falso, a F = Falso.

Este instrumento é composto por 23 subescalas não coincidentes: agressividade relacional, agressão física, agressão destrutiva, empatia, externalização da culpa, alienação, problemas com álcool, abuso de álcool, problemas com marijuana, abuso de marijuana, problemas com drogas, abuso de drogas, impulsividade problemática, controlo e planeamento, urgência e impaciência, roubo, fraude, honestidade, irresponsabilidade, fiabilidade, rebeldia, busca de excitação, e propensão ao tédio (Krueger et al., 2007). Para além de avaliar os indicadores das 23 subescalas de ordem inferior do inventário completo, esta versão do IE também quantifica os fatores superiores da externalização. Na presente investigação utilizou-se o modelo de medida baseado nos itens, em que o fator de desinibição geral consiste em 20 itens, 4 itens das escalas de impulsividade problemática e roubo, 3 itens da escala de irresponsabilidade, 2 itens das escalas de urgência e impaciência e fiabilidade, e um item das escalas de fraude, alienação e propensão ao tédio. O fator de agressão é composto por 19 itens, 10 da escala de empatia, 4 da escala de agressão relacional, dois da escala de procura de excitação, e um de cada uma das escalas de agressão física, agressão destrutiva e honestidade. O fator de uso de substâncias consiste em 18 itens, três de cada uma das escalas de uso de marijuana, problemas com marijuana, uso de drogas, problemas com drogas, problemas com álcool e uso abuso de álcool (Patrick et al., submitted). Na sua versão original apresenta índices de fidelidade adequados, sendo o valor do *alpha de Cronbach* no fator desinibição geral igual a .94; no fator agressão

insensível .92, e no fator uso de substâncias .95 (Patrick et al., submitted). O valor obtido na análise da consistência interna na amostra total da presente investigação foi de encontro ao descrito anteriormente, desinibição geral ($\alpha=.90$), agressão insensível ($\alpha=.76$), uso de substâncias ($\alpha=.91$). Para o grupo de reclusos, desinibição geral ($\alpha=.89$), agressão insensível ($\alpha=.76$), uso de substâncias ($\alpha=.89$), enquanto para o grupo de não reclusos, desinibição geral ($\alpha=.78$), agressão insensível ($\alpha=.73$), uso de substâncias ($\alpha=.90$). Todos os fatores apresentam um valor do *alpha de Cronbach* acima de .70, valor mínimo recomendado para uma adequada qualidade psicométrica ao nível da consistência interna (Nunnally, 1978).

A personalidade foi avaliada através do Inventário NEO *Five-Factor Inventory* - NEO-FFI (Costa & McCrae, 1992) desenvolvido para avaliar as dimensões da personalidade com base no Modelo dos Cinco Fatores, nos seguintes cinco domínios: extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência. O NEO-FFI é uma versão reduzida do Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R) (Costa & McCrae, 1992), construído para proporcionar uma medida rápida, válida e confiável das dimensões da personalidade. É um questionário de autorrelato, que inclui 60 itens que se agrupam em cinco subescalas, cada uma com doze itens, correspondendo aos cinco domínios gerais de personalidade. A escala de resposta é do tipo likert de cinco pontos desde “discordo fortemente” a “concordo fortemente”. Esta medida apresenta níveis de consistência interna com valores *alpha de Cronbach* para as cinco dimensões variando de .86 a .95 (Costa & McCrae, 1992). Nesta investigação, os valores obtidos para a consistência interna mostram-se inferiores aos anteriormente descritos, variando entre .44 e .87 no valor de *alpha de Cronbach* para a amostra total. Sendo que na amostra de reclusos foram encontrados valores de *alpha de Cronbach* para a consistência interna de .82 no neuroticismo, .63 na extroversão, .33 na abertura à experiência, .60 na amabilidade e .85 na conscienciosidade. Na amostra de não reclusos, neuroticismo ($\alpha=.88$), extroversão ($\alpha=.62$), abertura à experiência ($\alpha=.68$), amabilidade ($\alpha=.62$) e conscienciosidade ($\alpha=.88$).

O Questionário de Regulação Emocional (QRE) (Gross & John, 2003) adaptado para a população portuguesa por Machado (2009) avalia duas estratégias de regulação emocional, a reavaliação cognitiva e a supressão expressiva. O objetivo do seu desenvolvimento foi a criação de um método de avaliação de estratégias de regulação emocional e de compreensão das diferenças individuais na utilização destas estratégias em

situações específicas. O QRE é constituído por dez itens, respondidos numa escala de likert de sete pontos, variando entre 1 – “concordo fortemente” a 7 “discordo fortemente”. Na sua versão original foram encontrados valores de *alpha de Cronbach* para a consistência interna de .79 na reavaliação cognitiva e de .73 na supressão expressiva (Gross & Jonh, 2003). No estudo de validação para a população portuguesa foram encontrados níveis de consistência interna de .76 para a reavaliação cognitiva e .65 para a supressão expressiva (Machado, 2009). Na presente investigação, os valores obtidos para a consistência interna da amostra total foram para a reavaliação cognitiva $\alpha=.82$ e para a supressão expressiva $\alpha=.57$. Especificamente no grupo de reclusos, reavaliação cognitiva $\alpha=.78$ e supressão expressiva $\alpha=.54$; no grupo de não reclusos, para a reavaliação cognitiva $\alpha=.87$ e para a supressão expressiva $\alpha=.67$.

O Inventário da Expressão da Ira Estado-Traço (STAXI-2) de Spielberger (1999) adaptado para português por Marques, Mendes e Sousa (2007), é usado para avaliar dimensões referentes à experiência e expressão da ira, permitindo a diferenciação dos componentes estado e traço da ira. O STAXI-2 é constituído por 57 itens, incluídos em seis escalas (ira-estado, ira-traço, ira contida, ira manifesta, controlo interno da ira e controlo externo da ira), três subescalas para a ira-estado (sentimento, expressão verbal e expressão física), duas subescalas para a ira-traço (temperamento e reação) e um índice de expressão da ira. Foram usadas a escala da ira-estado por medir a intensidade dos sentimentos de ira e o nível do desejo de exprimir a ira que o indivíduo apresenta num determinado momento, e a escala da ira-traço por medir a frequência de sentimentos de ira experimentados ao longo do tempo (Marques et al., 2007). A escala de resposta do instrumento é do tipo likert. Para os itens referentes à ira-estado (itens de 1 a 15 inclusive) é assinalada a intensidade da ira sentida no momento, numa escala de quatro pontos de 1 - “não” a 4 - “muito”. Para os itens da ira-traço (itens de 16 a 25 inclusive) o respondente deve indicar o que sente normalmente, numa escala de quatro pontos de 1 – “quase nunca” a 4 – “quase sempre”. Os restantes itens avaliam como geralmente os indivíduos respondem ou se comportam quando sentem ira, numa escala de quatro pontos igual à usada na ira-traço. Spielberger (1999) na análise de consistência interna do instrumento obteve valores de *alpha de Cronbach* a variar entre .73 a .93. Na versão portuguesa do instrumento, o valor do *alpha de Cronbach* para a escala ira-estado foi de .90 e para ira-traço .82. Nesta investigação, os valores obtidos para a consistência interna da amostra total mostram-se de encontro aos

anteriormente descritos, sendo que para a escala ira-estado $\alpha=.94$ e para a escala ira-traço $\alpha=.84$. Na amostra de reclusos, para a ira-estado $\alpha=.94$ e a ira-traço $\alpha=.84$. Na amostra de não reclusos, para a ira-estado $\alpha=.84$ e a ira-traço $\alpha=.78$.

Procedimento

Foi obtido o consentimento informado por escrito, dos sujeitos que aceitaram participar na investigação, após lhes terem sido explicados os objetivos do estudo, o papel do investigador e o papel dos participantes, garantida a confidencialidade dos dados fornecidos, bem como o carácter voluntário da participação no estudo. A administração e preenchimento dos instrumentos foram individuais para o grupo de reclusos, na presença da investigadora principal, num gabinete do estabelecimento prisional direccionado para o atendimento dos reclusos. A aplicação do protocolo demorou entre 40 a 60 minutos. No grupo de não reclusos o preenchimento dos instrumentos foi efetuado de forma independente e confidencial, sendo o protocolo entregue em mão e devolvidos ao investigador após o seu preenchimento.

Os dados recolhidos foram posteriormente submetidos a análises estatísticas com recurso ao software estatístico IBM SPSS (versão 19.0). Estas análises incluíram uma análise descritiva das variáveis sociodemográficas e jurídico-penais, e estudos de fidelidade para os instrumentos aplicados, através do *alpha de Cronbach*. Para a análise das associações entre as variáveis jurídico-penais e as variáveis de externalização e personalidade foram realizadas correlações não paramétricas. Da mesma forma, correlações não paramétricas foram efetuadas para o estudo das relações entre as variáveis de externalização, personalidade, ira e regulação emocional. Posteriormente foram realizadas regressões hierárquicas para verificar a contribuição da ira e da regulação emocional na variabilidade nos fatores de externalização, para além do efeito das variáveis de personalidade. Finalmente, para comparar os dois grupos em relação às variáveis em estudo (externalização, personalidade, regulação emocional e ira) foram realizados testes de Mann-Whitney. A seleção de testes não-paramétricos é a mais adequada considerando o tamanho da presente amostra, e em particular a desigualdade numérica dos grupos em comparação.

Resultados

As variáveis jurídico-penais (pena cumprida, pena total, condenações, tempo total de reclusão) do grupo de reclusos foram relacionadas com os três fatores do IE, desinibição geral, agressão insensível e uso de substâncias, as dimensões da personalidade do modelo de cinco fatores (avaliadas através do NEO-FFI), a ira estado e traço do STAXI, e as estratégias de regulação emocional (avaliadas pelo QRE) de forma a investigar as associações existentes entre si (Anexo III). Contatou-se que o tempo total de reclusão se associou negativamente ($r_s = -.30$, $p < .05$) com o domínio de personalidade abertura à experiência. Quando se comparam as duas tipologias de crime (violento e não violento) no que diz respeito às variáveis de externalização, personalidade, regulação emocional e ira, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas para o domínio de personalidade abertura à experiência ($U=64.0$, $z=-1.98$, $p<.05$), com uma média superior para a tipologia de crime violento ($M=29.20$; $DP=3.49$) em comparação com a tipologia de crime não violento ($M=25.28$; $DP=5.10$).

Utilizaram-se testes de Mann-Whitney para comparar o grupo de reclusos e o grupo de não reclusos relativamente às variáveis de externalização, personalidade, regulação emocional e ira. Apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas para as variáveis desinibição geral ($U=286.5$, $z=-4.47$, $p<.001$), uso de substâncias ($U=389.5$, $z=-3.48$, $p=.001$), extroversão ($U=507.0$, $z=-2.35$, $p=.019$), abertura à experiência ($U=511.5$, $z=-2.31$, $p=.021$), ira-estado ($U=484.0$, $z=-2.66$, $p=.008$) e reavaliação cognitiva ($U=450.0$, $z=-2.80$, $p=.004$). No geral, os valores médios para todas as variáveis foram superiores no grupo de reclusos relativamente ao grupo de não reclusos, com exceção das variáveis extroversão, conscienciosidade e supressão expressiva, em que o grupo de não reclusos apresenta uma média superior ao grupo dos reclusos (Tabela 5).

Adicionalmente, foram investigadas as associações entre as variáveis desinibição geral, agressão insensível, e uso de substâncias (fatores de externalização avaliados através do IE) por um lado, e os cinco domínios da personalidade (neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, conscienciosidade, amabilidade), ira-estado e ira-traço (avaliadas através da STAXI-2), reavaliação cognitiva e supressão expressiva (estratégias de regulação emocional medidas pelo QRE) por outro. Estas análises foram realizadas para o grupo de reclusos e não reclusos em separado.

Tabela 5. Médias e desvios-padrão para as variáveis de externalização, personalidade, ira e regulação emocional, nos grupos de reclusos e não reclusos.

		Reclusos		Não Reclusos	
		Média	DP	Média	DP
IE					
	Desinibição Geral	29.98	13.49	15.44	7.75
	Agressão Insensível	15.60	8.23	12.67	6.07
	Uso de Substâncias	28.22	13.83	16.25	11.62
NEO-FFI					
	Neuroticismo	22.52	5.54	21.86	5.68
	Extroversão	28.02	5.52	30.61	3.77
	Amabilidade	25.30	5.96	24.10	4.32
	Conscienciosidade	29.53	5.96	30.89	3.37
	Abertura à Experiência	25.61	5.09	23.70	3.37
STAXI-2					
	Ira Estado	21.12	9.24	16.56	2.90
	Ira Traço	17.50	5.10	15.86	3.44
QRE					
	Reavaliação Cognitiva	31.27	7.91	25.77	7.44
	Supressão Expressiva	16.02	5.41	16.84	4.70

Para o grupo de reclusos (Anexo IV), se tivermos em conta a forma como as variáveis de personalidade se relacionam com os fatores da externalização pode-se constatar que apenas o domínio do neuroticismo e da amabilidade aparecem

significativamente associados à desinibição geral. Por outro lado, a variável ira-estado aparece relacionada de forma significativa com a desinibição geral e com a agressão insensível, enquanto a variável ira-traço apresenta associação positiva significativa com os três fatores de externalização, desinibição geral, agressão insensível, e uso de substâncias. Relativamente às variáveis de regulação emocional, apenas a reavaliação cognitiva apresenta uma associação negativa significativa com a desinibição geral.

Relativamente ao grupo de não reclusos (Anexo IV), o domínio da personalidade neuroticismo associou-se significativamente à desinibição geral, a conscienciosidade associou-se negativamente de forma significativa à agressão insensível, e o domínio da amabilidade aparece significativamente relacionado com a desinibição geral e com a agressão insensível. Por outro, as variáveis ira-estado e ira-traço relacionam-se significativamente com a desinibição geral e com a agressão insensível. No que diz respeito às variáveis de regulação emocional, verifica-se que apenas a supressão expressiva apresenta associação positiva significativa com a agressão insensível e com o abuso de substâncias.

Para investigar se, no grupo de reclusos, a ira-traço, a ira-estado e a reavaliação cognitiva contribuiriam para a variabilidade no fator desinibição geral da externalização, para além da contribuição do neuroticismo e da amabilidade, realizou-se uma regressão hierárquica, incluindo no primeiro bloco o neuroticismo e a amabilidade como preditores, e no segundo bloco os preditores ira-traço, ira-estado e reavaliação cognitiva. Nos modelos testados, apenas foram incluídos os constructos que se correlacionaram de forma significativa com as variáveis de externalização.

O modelo do neuroticismo e amabilidade revelou-se significativo ($R^2=.155$; $F_{(2,59)}=5.25$, $p<.01$), explicando 15.5% da variância no fator desinibição geral. O modelo seguinte, incluindo ira-traço, ira-estado e reavaliação cognitiva, também se revelou significativo ($R^2= .325$; $R^2\Delta=.169$; $F_{(5,59)}=5.20$, $p<.01$), explicando adicionalmente 16.9% da variação, para uma percentagem de variância explicada final de 32.5%. A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que o neuroticismo e a reavaliação cognitiva foram os únicos preditores significativos da desinibição geral (Tabela 7).

Para se avaliar o papel da ira na agressão insensível no grupo de reclusos realizou-se uma análise de regressão múltipla, onde a ira-estado e a ira-traço (avaliadas através da

STAXI-2) foram selecionadas como variáveis preditoras, e a agressão insensível (avaliada a partir do IE) como variável dependente.

Tabela 7. Coeficientes de regressão associados à personalidade, ira e regulação emocional como preditores da externalização no grupo de reclusos

	B	SEB	β
<i>Desinibição Geral</i>			
Step 1			
Neuroticismo	0.84	0.33	0.35*
Amabilidade	0.22	0.30	0.10
Step 2			
Ira - Traço	0.42	0.40	0.16
Ira - Estado	0.35	0.22	0.24
Reavaliação Cognitiva	-0.46	0.20	-0.27*
<i>Agressão Insensível</i>			
Ira – Traço	0.26	0.24	0.16
Ira – Estado	0.30	0.13	0.35*
*p<.05			

Através deste método, surgiu um modelo significativo ($R^2=.212$; $F_{(2,59)}=7.68$, $p<.01$). A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que apenas a ira-estado se revelou um preditor significativo da agressão insensível (Tabela 7).

No que se refere ao fator uso de substâncias no grupo de reclusos, a avariável ira-traço, que se correlacionou significativamente com este fator, não surgiu como seu preditor significativo.

No grupo de não reclusos, para averiguar se a ira-traço e estado contribuiriam para a variabilidade no fator desinibição geral, para além da contribuição do neuroticismo e da amabilidade, realizou-se também uma regressão hierárquica. O modelo que inclui o neuroticismo e a amabilidade revelou-se significativo ($R^2=.179$; $F_{(2,71)}=7.53$, $p<.01$), explicando 17.9% da variância no fator desinibição geral da externalização. O modelo seguinte, incluindo ira-traço e ira-estado, também se verificou significativo ($R^2=.269$; $R^2\Delta=.090$; $F_{(5,71)}=6.16$, $p<.001$), explicando adicionalmente 9% da variação, para uma

percentagem de variância explicada final de 26.9% . A análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que a amabilidade e a ira-traço foram os únicos preditores significativos da desinibição geral no grupo de não reclusos (Tabela 8).

Para investigar se, no grupo de não reclusos, a ira-traço, a ira-estado e a supressão expressiva contribuiriam para a variabilidade no fator agressão insensível da externalização, para além da contribuição da conscienciosidade e da amabilidade, realizou-se também uma regressão hierárquica. O modelo com a conscienciosidade e a amabilidade revelou-se significativo ($R^2=.224$; $F_{(2,71)}=9.97$, $p<.001$), explicando 22.4% da variância no fator agressão insensível . O modelo seguinte, incluindo ira-traço, ira-estado e supressão também se revelou significativo ($R^2=.309$; $R^2\Delta=.085$; $F_{(5,71)}=5.92$, $p<.001$), explicando adicionalmente 8.5% da variação, para uma percentagem de variância explicada final de 30.9%. A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que a conscienciosidade, a amabilidade e a ira-traço foram os únicos preditores significativos da agressão insensível no grupo de não reclusos (Tabela 8).

De forma a avaliar o papel da supressão expressiva no fator uso de substâncias no grupo de não reclusos realizou-se uma análise de regressão simples, onde a supressão expressiva (avaliada através do QRE) foi selecionada como variável preditora, e o uso de substâncias (avaliado a partir do IE) como variável dependente. Através deste método, surgiu um modelo significativo ($R^2=.056$; $F_{(1,71)}=4.14$, $p<.05$) (Tabela 8).

Tabela 8. Coeficientes de regressão associados à personalidade, ira e regulação emocional como preditores da externalização no grupo de não reclusos

	B	SEB	β
<i>Desinibição Geral</i>			
Step 1			
Neuroticismo	0.13	0.15	0.10
Amabilidade	0.43	0.14	0.38**
Step 2			
Ira - Traço	0.60	0.23	0.30*
Ira – Estado	0.20	0.29	0.08
<i>Agressão Insensível</i>			
Step 1			
Amabilidade	0.40	0.10	0.42***
Conscienciosidade	-0.42	0.16	-0.28*
Step 2			
Ira – Traço	0.39	0.18	0.23*
Ira – Estado	0.21	0.24	0.09
Supressão Expressiva	0.16	0.11	0.16
<i>Uso de Substâncias</i>			
Supressão Expressiva	0.44	0.22	0.24*

*** p<.001; ** p<.01; * p<.05

Discussão

O Modelo dos Cinco Fatores tem sido usado para estudar as relações entre personalidade e comportamentos de externalização, tendo sido encontradas relações relevantes entre várias formas de agressão, comportamentos antissociais/criminais, problemas de comportamento e os domínios neuroticismo, amabilidade e conscienciosidade (Jones et al., 2011; Miller et al., 2008). No entanto, as investigações anteriores têm como limitação a não aplicação de um instrumento completo de avaliação da externalização, que permita a diferenciação dos diferentes fatores de externalização. De igual modo, a expressão de ira e regulação emocional têm sido considerados fatores importantes na compreensão de comportamentos externalizantes (Decuyper et al., 2011; Heinzen et al., 2011; Mullin & Hinshaw, 2007; Zeman et al., 2002). Considerando que

tanto as dimensões da personalidade como as variáveis associadas à expressão e regulação da ira poderão ser um antecedente das tendências externalizantes, este estudo teve como objetivos avaliar quais os domínios da personalidade (de acordo com o modelo dos cinco fatores) que predizem de modo significativo comportamentos de externalização numa mostra de reclusos em comparação com uma amostra de não reclusos, assim como testar se a ira e a regulação emocional contribuem para explicar variância adicional àquela que é explicada pela relação entre a personalidade e externalização. A ira e a regulação emocional foram consideradas para explicar a variância adicional, com base nos pressupostos teóricos que consideram estas dimensões como fatores de risco de comportamentos de externalização, podendo ou não estar presentes na relação entre a personalidade e externalização (Howells et al., 2005; McLaughlin et al., 2011).

Comparando os dois grupos em estudo verificou-se que o grupo de reclusos apresentou níveis mais elevados no fator da externalização e no fator abuso de substâncias que o grupo de não reclusos. Tendo em conta as características dos dois grupos, verificou-se o que era esperado, ou seja, os reclusos pontuarem mais nos fatores de externalização devido aos seus comportamentos antissociais refletidos pela sua detenção (Carvalho et al., 2013; Krueger, 2002). As detenções dos participantes por crimes relacionados com estupefacientes são em maior número, o que poderá também contribuir para a maior pontuação deste grupo no fator uso de substâncias da externalização. Esta realidade vai de encontro aos resultados do estudo de Torres e Gomes (2005), que constataram que a maioria dos reclusos em Portugal estão detidos por motivos relacionados com drogas, sejam eles por crimes diretamente associados aos estupefacientes, como tráfico e consumos, ou por crimes para obter recursos financeiros para sustentar as dependências de estupefacientes, como roubos e furtos. O facto de este grupo, caracterizado por maiores níveis de externalização, ter pontuações mais elevadas na ira-estado e reavaliação cognitiva, é explicado por estas duas variáveis predizerem de forma significativa o fator de desinibição geral e o fator de agressão insensível da externalização. O grupo de não reclusos obteve pontuações mais elevadas no domínio extroversão da personalidade, indo ao encontro dos resultados da investigação na área da personalidade e externalização, que relaciona o domínio de amabilidade, neuroticismo e conscienciosidade com a externalização (Jones et al., 2011; Miller et al., 2008; Tackett, 2010). Indivíduos que pontuam alto na extroversão caracterizam-se como sociáveis, afirmativos, otimistas,

divertidos, afetuosos, ativos e conversadores, características pouco encontradas nos indivíduos externalizantes (Costa & McCrae, 1992).

Relativamente às associações entre personalidade e comportamentos de externalização, verificou-se que o domínio do neuroticismo foi um preditor significativo do fator de desinibição geral da externalização no grupo de reclusos, mas não no grupo de não reclusos. De acordo com Costa e McCrae (1992), o neuroticismo refere-se a uma instabilidade e desajustamento emocionais. Os indivíduos com níveis elevados de neuroticismo tendem a estar associados a uma propensão para o sofrimento psicológico, baixa tolerância à frustração e respostas de coping mal adaptativas, assim como para níveis elevados de depressão, hostilidade, vulnerabilidade ao stress e impulsividade. Os constructos presentes no espectro de externalização assentam em dificuldade de autocontrolo por parte dos sujeitos, estando este conceito inversamente relacionado com a capacidade para controlar impulsos, ou seja, quanto mais severo é o grau no espectro, mais vincado é o comportamento desinibido do sujeito (Krueger et al., 2001). Isto é, indivíduos externalizantes têm propensão para agir de forma impulsiva, envolvendo-se em atividades de risco, como por exemplo, em crime qualificado (Krueger, 2002). O facto de o neuroticismo ser um preditor positivo da desinibição no grupo de reclusos corrobora os estudos anteriormente realizados entre o modelo de cinco fatores da personalidade e o comportamento antissocial (Becerra-García et al., 2013; Jones et al., 2011; Krueger, 2002; Samuels et al., 2004), pois verifica-se que o grupo de reclusos apresenta pontuações mais elevadas de desinibição geral em comparação com o grupo de não reclusos, dimensão da externalização fortemente relacionada com o domínio do neuroticismo.

Pelo contrário, a dimensão de amabilidade mostrou-se um preditor significativo da desinibição geral e da agressão insensível no grupo de não reclusos. Este resultado contradiz um pouco as conclusões dos estudos anteriores que relacionam as dimensões de personalidade e a externalização e comportamentos agressivos (Bettencourt, Talley, Benjamin, & Valentine, 2006; Jones et al., 2011; Miller et al., 2008). O resultado é surpreendente, pois a amabilidade tem sido associada negativamente com a externalização, contrário ao resultado na presente investigação. A relação entre amabilidade e externalização explica a tendência para indivíduos com comportamentos de externalização tenderem a perceber hostilidade nas ações dos outros, a valorizarem respostas agressivas, a ter crenças sobre os resultados positivos da agressão e uma insensibilidade em relação aos

efeitos negativos sobre a vítima (Miller et al., 2008). Da mesma forma, a amabilidade tem sido associada negativamente com a agressão (Bettencourt et al., 2006). Jessen-Campbell e Graziano (2001 cit por Bettencourt et al., 2006) na sua pesquisa concluíram que indivíduos com níveis menores de amabilidade são mais propensos a ter estratégias de resolução de conflitos agressivas. Estes resultados podem ser explicados pela baixa qualidade psicométrica encontrada no presente estudo para a escala do NEO-FFI relativa ao domínio da amabilidade.

Adicionalmente verificou-se que entre a ira-traço, a ira-estado e a reavaliação cognitiva, a reavaliação cognitiva foi o melhor preditor adicional da desinibição geral no grupo de reclusos. Estudos anteriores na área da regulação emocional (Silk et al., 2003; Zeman et al., 2002) indicam que dificuldades na regulação das emoções podem coincidir com problemas de desinibição, contribuindo para o comportamento antissocial. A reavaliação cognitiva é uma das estratégias de regulação emocional definidas por Gross (2002), que diz respeito à alteração do significado atribuído à situação, com impacto na emoção experienciada pelo indivíduo, tendo sido descrita como a estratégia mais adaptativa da regulação emocional. Falhas na regulação emocional adaptável e o uso de estratégias inadequadas de regulação emocional têm sido relacionadas com problemas de comportamento e características de personalidade impulsivas (Heinzen et al., 2011; Silk et al., 2003; Zeman et al., 2002). A associação negativa entre a reavaliação cognitiva e a desinibição geral encontrada na presente investigação no grupo de reclusos vai de encontro a estes resultados encontrados em investigações anteriores, que reportam que indivíduos externalizantes falham na utilização de estratégias de regulação emocional adaptativas, principalmente em contextos aversivos (Mullin & Hinshaw, 2007). Mais do que a experiência emocional de ira, para o grupo de reclusos, parece ser pertinente a dificuldade em gerir estas emoções, como antecedente do seu comportamento externalizante geral.

Em contrapartida, para o grupo de não reclusos, a experiência emocional da ira-traço mostrou-se o único preditor significativo da desinibição geral, e preditor adicional da agressão insensível. A ira-traço refere-se a uma predisposição para percecionar estímulos como perturbadores e a uma tendência para responder a tais situações com elevados sentimentos de ira (Marques et al., 2007; Spielberger & Reheiser, 2009). Investigações anteriores têm demonstrado que a ira-traço prediz comportamentos agressivos em resposta a situações de provocação (Bettencourt et al., 2006). Isto é, indivíduos com o traço de ira

tendem a responder de forma agressiva quando são criticados injustamente ou tratados de forma negativa (van Goozen, Frijda, & van de Poll, 1994; Spielberg, Jacobs et al., 1983 cit por Bettencourt et al., 2006). Assim sendo, a ira assume um papel distinto nos dois grupos, enquanto no grupo de reclusos a ira parece assumir um papel preditor da externalização em termos de gestão emocional, no grupo de não reclusos a ira antecede os comportamentos de externalização em termos de ativação emocional.

Na associação entre a ira e o fator do IE agressão insensível, verificou-se que a ira-traço e a ira-estado tiveram um efeito significativo no grupo de reclusos, particularmente a experiência de ira estado. Esta associação vai ao encontro da literatura que estabelece uma associação entre a ira e a agressão (Decuyper et al., 2011; Kim & Deater-Deckard, 2011; Zeman et al., 2002). Spielberg (1991, cit. por Howells et al., 2005) na sua investigação, concluiu que os reclusos apresentam maior pontuação na avaliação da raiva em comparação com uma amostra de não reclusos, o que vai de encontro à diferença nas pontuações da ira entre o grupo de reclusos e não reclusos na presente investigação.

As pontuações elevadas na ira-estado no grupo de reclusos significam que estes indivíduos experienciaram sentimentos de ira intensa recentemente ao momento de aplicação do instrumento de avaliação, o que poderá ser explicado pelo contexto em que estes indivíduos estão inseridos. A integração em meio prisional tem sido associada a maiores níveis de ira, aumentando a frequência destas experiências de ira com o aumento do tempo de reclusão (Kroner & Reddon, 1995 cit. por Howells et al., 2005). Os comportamentos agressivos são frequentemente associados à adaptação ao meio prisional, pela reduzida disponibilidade de estratégias de coping eficazes destes indivíduos (Gonçalves & Gonçalves, 2012). Kury e Smartt (2002 cit. por Santos & Gomes, 2003) afirmam que quanto mais restritivo for o espaço físico e as políticas dos estabelecimentos prisionais, maiores serão as oportunidades para o aparecimento de comportamentos agressivos.

No grupo de não reclusos, a conscienciosidade foi também preditor significativo do fator agressão insensível da externalização. A associação negativa entre a conscienciosidade e a agressão insensível sugere que os indivíduos com maiores níveis de conscienciosidade podem ser mais capazes de controlar os seus comportamentos agressivos. Da mesma forma, Jensen-Campbell e colaboradores (2007) encontraram evidências de que indivíduos com valores de conscienciosidade mais baixos podem ser

menos capazes de controlar os seus comportamentos agressivos perante situações frustrantes.

Apenas no grupo de não reclusos, o fator uso de substâncias teve um preditor significativo, a supressão expressiva. Este resultado vai ao encontro da literatura que revela a supressão expressiva como uma das estratégias de regulação emocional que pode ser um fator de risco para o uso de substâncias (Aldao et al., 2010). Gross (1998b cit por Gross, 2002) concluiu que apesar da supressão expressiva poder reduzir a expressão externa da emoção, e possivelmente, a experiência subjetiva da emoção a curto prazo, a longo prazo esta estratégia é menos eficaz na redução da emoção e excitação fisiológica. Os indivíduos recorrem ao consumo de álcool ou outras substâncias como escape às suas emoções e como forma de baixar os níveis de ativação emocional, sendo a supressão expressiva uma resposta inadequada e de risco de comportamentos desajustados, particularmente o uso de substâncias (Sher & Grekin, 2007; Carver et al., 1989 cit por Aldao et al., 2010). O facto de esta relação entre o uso de substâncias e supressão expressiva ter sido verificada apenas para o grupo de não reclusos, pode ser explicado pela privação e difícil acesso ao álcool e outras drogas lícitas e ilícitas a que o grupo de reclusos está sujeito, enquanto está em reclusão.

Uma das limitações deste estudo é o facto de a amostra ser relativamente reduzida, o que restringiu, por um lado, as análises estatísticas que poderiam ter sido realizadas, e, por outro, as inferências que podem ser feitas a partir dos resultados das comparações dos dois grupos em estudo (devido ao desequilíbrio numérico entre os dois grupos). Outro aspeto a ter em consideração é o facto de os participantes serem todos do sexo masculino. Esta questão deve ser tida em conta numa futura generalização dos resultados. Principalmente aquando da relação das diferentes variáveis em estudo com a variável ira, uma vez que estudos anteriores exploraram as diferenças individuais ao nível da experiência e expressão da raiva entre sujeitos de diferente sexo (Suter, Byrne, Byrne, Howells, & Day, 2002).

Em estudos futuros, seria importante explorar a relação entre a externalização e as facetas da personalidade de acordo com o modelo dos cinco fatores, através da aplicação do IE, para um estudo mais aprofundado das características da personalidade que predizem a externalização. No presente estudo, as facetas do modelo dos cinco fatores não foram exploradas, devido ao protocolo aplicado ser já bastante extenso. Para o estudo das facetas

teria de ser aplicado o NEO-PI-R, questionário composto por 240 itens, o que iria aumentar consideravelmente o tempo de aplicação.

Conclusão

A externalização é uma dimensão da personalidade que envolve um espectro de comportamentos antissociais, traços de personalidade associados à desinibição e à agressão, e o consumo ou dependência de substâncias. No presente trabalho, utilizou-se o IE para avaliar a externalização por ser um instrumento completo que permite a diferenciação dos seus diversos fatores. A aplicação do IE no estudo da relação entre externalização e personalidade torna-se uma mais-valia, na medida em que se avalia diretamente a externalização, ao contrário dos estudos anteriores que têm avaliado a externalização através de diferentes escalas, questionários, ou entrevistas que avaliam várias formas de agressão, comportamentos antissociais/criminais e problemas de comportamento.

Com este estudo esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão deste constructo, nomeadamente na forma como as características de personalidade, a regulação emocional e a ira se podem relacionar com a externalização. Os resultados indicaram que a população reclusa em comparação com a população não reclusa apresenta maiores níveis de externalização, maiores dificuldades ao nível da regulação emocional e consequente expressão da ira.

Para o grupo de reclusos verificou-se que o neuroticismo prediz de forma significativa a desinibição geral. Quanto mais os indivíduos tendem a manifestar uma propensão para o sofrimento psicológico, baixa tolerância à frustração e respostas de coping mal adaptativas, assim como para níveis elevados de depressão, hostilidade, vulnerabilidade ao stress e impulsividade, maior será o seu envolvimento em comportamentos de externalização. A reavaliação cognitiva como preditor adicional indicou que dificuldades ao nível da regulação emocional estão associadas a níveis mais elevados de desinibição. Para o fator agressão insensível a ira-estado foi o único preditor significativo. O contexto em que estes indivíduos estão inseridos, caracterizado pela restrição emocional e comportamental, e pela falta de estratégias adaptativas, reflete-se na

experiência de sentimentos de ira intensa, explicando o facto de a ira-estado ser o único preditor significativo da agressão insensível.

No grupo de não reclusos, a conscienciosidade foi preditor significativo do fator agressão insensível, sugerindo que os indivíduos com maiores níveis de conscienciosidade podem ser mais capazes de controlar os seus comportamentos agressivos. A ira-traço foi um preditor adicional da externalização, isto é, indivíduos com o traço de ira mais marcado tendem a responder de forma desajustada, apenas quando são criticados injustamente ou tratados de forma negativa (van Goozen, Frijda, & van de Poll, 1994; Spielberger, Jacobs et al., 1983 cit por Bettencourt et al., 2006). Por outro lado, a associação entre a amabilidade e a desinibição geral e agressão insensível revelou-se contraditória com a literatura. Em relação ao uso de substâncias, a supressão expressiva foi o único preditor significativo, sugerindo que os indivíduos recorrem ao consumo de álcool ou outras substâncias como escape às suas emoções e como forma de baixar os níveis de ativação emocional.

Através da presente investigação, podemos sugerir que indivíduos com níveis mais elevados de externalização apresentam características de baixa tolerância à frustração, níveis elevados de hostilidade e impulsividade. As dificuldades ao nível da regulação emocional estão intimamente ligadas à forma como posteriormente estes indivíduos processam as emoções, podendo contribuir de forma significativa para o modo como finalmente se comportam socialmente.

Referências Bibliográficas

- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 30(2), 217-237. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cpr.2009.11.004>
- APA. (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais, texto revisto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Becerra-García, J. A., García-León, A., Muela-Martínez, J. A., & Egan, V. (2013). A controlled study of the Big Five personality dimensions in sex offenders, non-sex offenders and non-offenders: relationship with offending behaviour and childhood abuse. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 24(2), 233-246. doi: 10.1080/14789949.2013.764463
- Bettencourt, B., Talley, A., Benjamin, A. J., & Valentine, J. (2006). Personality and aggressive behavior under provoking and neutral conditions: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 132(5), 751- 777.
- Carvalho, H. C. d., Andreoli, S. B., Vaidyanathan, U., Patrick, C. J., Quintana, M. I., & Jorge, M. R. (2013). The structure of common mental disorders in incarcerated offenders. *Comprehensive Psychiatry*, 54(2), 111-116. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.comppsy.2012.07.006>
- Carvalho, H. C. d., Pinheiro, Â. M. V., Patrick, C. J., Krueger, R. F., & Markon, K. E. (2007). Tradução, adaptação cultural e análise de consistência interna do inventário de externalização. *Avaliação Psicológica*, 6(2), 217-227.
- Costa, P., & McCrae, R. (1992). NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Revisto - Manual Profissional *Florida: Psychological Assessment Ressources—Adaptação Portuguesa de Margarida Pedrosa de Lima e António Simões (2000)*. Lisboa: Cegoc.
- Decuyper, M., De Bolle, M., & De Fruyt, F. (2011). General and maladaptive traits and anger in a combined forensic psychiatric and general population sample. *International Journal of Law and Psychiatry*, 34(5), 354-361. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijlp.2011.08.001>
- Domino, G., & Domino, M. L. (2006). *Psychological testing: an introduction* (2^a ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gery, I., Miljkovitch, R., Berthoz, S., & Soussignan, R. (2009). Empathy and recognition of facial expressions of emotion in sex offenders, non-sex offenders and normal controls. *Psychiatry Research*, 165(3), 252-262. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2007.11.006>
- Gonçalves, L. C., & Gonçalves, R. A. (2012). Agressividade, estilo de vida criminal e adaptação à prisão. *Psicologia USP*.
- Gross, J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 39(3), 281-291. doi: 10.1017.S0048577201393198

- Gross, J., & Jonh, O. (2003). Individual differences in two emotional regulation processes: implications for affect, relationship and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2(85), 348-362.
- Hall, J. R., Bernat, E. M., & Patrick, C. J. (2007). Externalizing psychopathology and the error-related negativity. *Psychological Science*, 18(4), 326-333.
- Heinzen, H., Koehler, D., Smeets, T., Hoffer, T., & Huchzermeier, C. (2011). Emotion regulation in incarcerated young offenders with psychopathic traits. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 22(6), 809-833. doi: 10.1080/14789949.2011.623171
- Hicks, B. M., Krueger, R. F., Iacono, W. G., McGue, M., & Patrick, C. J. (2004). Family transmission and heritability of externalizing disorders - A twin-family study. *Archives of General Psychiatry*, 61(9), 922-928. doi: 10.1001/archpsyc.61.9.922
- Howells, K., Day, A., Williamson, P., Bubner, S., Jauncey, S., Parker, A., & Heseltine, K. (2005). Brief anger management programs with offenders: Outcomes and predictors of change. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 16(2), 296-311.
- IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional (Ed.). (1994). *Classificação nacional de Profissões*. Lisboa: IEFP.
- Jensen-Campbell, L. A., Knack, J. M., Waldrup, A. M., & Campbell, S. D. (2007). Do big five personality traits associated with self-control influence the regulation of anger and aggression? *Journal of Research in Personality*, 41, 403-424.
- Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 329-337. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004>
- Kim, J., & Deater-Deckard, K. (2011). Dynamic changes in anger, externalizing and internalizing problems: attention and regulation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52(2), 156-166.
- Krueger, R. F. (2002). Personality from a realist's perspective: Personality traits, criminal behaviors, and the externalizing spectrum. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 564-572. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00506-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00506-8)
- Krueger, R. F., Hicks, B. M., Patrick, C. J., Carlson, S. R., Iacono, W. G., & McGue, M. (2002). Etiologic connections among substance dependence, antisocial behavior, and personality: Modeling the externalizing spectrum. *Journal of Abnormal Psychology*, 111(3), 411-424.
- Krueger, R. F., Markon, K. E., Patrick, C. J., Benning, S. D., & Kramer, M. D. (2007). Linking antisocial behavior, substance use, and personality: An integrative quantitative model of the adult externalizing spectrum. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(4), 645-666. doi: 10.1037/0021-843X.116.4.645
- Krueger, R. F., McGue, M., & Iacono, W. G. (2001). The higher-order structure of common DSM mental disorders: internalization, externalization, and their connections to personality. *Personality and Individual Differences*, 30(7), 1245-1259. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00106-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00106-9)

- Machado, F. (2009). *Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa*. (Mestrado em Psicologia), Universidade do Minho, Braga.
- Marques, M. I. D., Mendes, A. C., & Sousa, L. (2007). Adaptação para português do inventário da expressão da ira estado-traço (STAXI-2) de Spielberger (1999). *Psychologica (FPUC)*, 46, 85-104.
- McLaughlin, K. A., Hatzenbuehler, M. L., Mennin, D. S., & Nolen-Hoeksema, S. (2011). Emotion dysregulation and adolescent psychopathology: A prospective study. *Behaviour Research and Therapy*, 49(9), 544-554. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.brat.2011.06.003>
- Miller, J. D., Lynam, D., & Leukefeld, C. (2003). Examining antisocial behavior through the lens of the five factor model of personality. *Aggressive Behavior*, 29(6), 497-514. doi: 10.1002/ab.10064
- Miller, J. D., Lynam, D. R., & Jones, S. (2008). Externalizing Behavior Through the Lens of the Five-Factor Model: A Focus on Agreeableness and Conscientiousness. *Journal of Personality Assessment*, 90(2), 158-164. doi: 10.1080/00223890701845245
- Mullin, B. C., & Hinshaw, S. P. (2007). Emotion regulation and externalizing disorders in children and adolescents. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. Nova Iorque: The Guilford Press.
- Nelson, L. D., Patrick, C. J., & Bernat, E. M. (2011). Operationalizing proneness to externalizing psychopathology as a multivariate psychophysiological phenotype. *Psychophysiology*, 48(1), 64-72. doi: 10.1111/j.1469-8986.2010.01047.x
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Patrick, C. J., Bernat, E. M., Malone, S. M., Iacono, W. G., Krueger, R. F., & McGue, M. (2006). P300 amplitude as an indicator of externalizing in adolescent males. *Psychophysiology*, 43(1), 84-92. doi: 10.1111/j.1469-8986.2006.00376.x
- Patrick, C. J., Kramer, M. D., Krueger, R. F., & Markon, K. E. (submitted). Optimizing efficiency of psychopathology assessment through quantitative modeling: Development of a brief form of the externalizing spectrum inventory
- Robertson, T., Daffern, M., & Bucks, R. S. (2012). Emotion regulation and aggression. *Aggression and Violent Behavior*, 17(1), 72-82. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2011.09.006>
- Samuels, J., Bienvenu, O. J., Cullen, B., Costa Jr, P. T., Eaton, W. W., & Nestadt, G. (2004). Personality dimensions and criminal arrest. *Comprehensive Psychiatry*, 45(4), 275-280. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.comppsy.2004.03.013>
- Santos, B., & Gomes, C. (2003). *A reinserção social dos reclusos. Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional*. Coimbra: Observatório Permanente da Justiça Portuguesa.
- Silk, J. S., Steinberg, L., & Sheffield Morris, A. (2003). Adolescents' emotion regulation in daily life: Links to depressive symptoms and problem behavior. *Child Development*, 74(6), 1869-1880. doi: 10.1046/j.1467-8624.2003.00643.x

- Spielberger, C. D. (1999). STAXI-2: State-trait anger expression inventory - 2. Professional manual.
- Spielberger, C. D., & Reheiser, E. C. (2009). Assessment of emotions: Anxiety, anger, depression, and curiosity. *Applied Psychology: Health & Well-Being*, 1(3), 271-302. doi: 10.1111/j.1758-0854.2009.01017.x
- Suter, J. M., Byrne, M. K., Byrne, S., Howells, K., & Day, A. (2002). Anger in prisoners: women are different from men. *Personality and Individual Differences*, 32(6), 1087-1100. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869\(01\)00105-2](http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869(01)00105-2)
- Tackett, J. L. (2010). Toward an externalizing spectrum in DSM-V: Incorporating developmental concerns. *Child Development Perspectives*, 4(3), 161-167. doi: 10.1111/j.1750-8606.2010.00138.x
- Torres, A. C., & Gomes, M. d. C. (2005). Drogas e prisões: Relações próximas. *Toxicodependências*, 11(2), 23-40.
- Vagos, P., Costa, J., Pereira, A., Silva, C. F., & Santos, I. M. (2010). Tradução e adaptação linguística do Inventário de Externalização. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio & M. C. Taveira (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 281-290).
- Venables, N. C., & Patrick, C. J. (2012). Validity of the externalizing spectrum inventory in a criminal offender sample: Relations with disinhibitory psychopathology, personality, and psychopathic features. *Psychological Assessment*, 24(1), 88 - 100.
- Vrieze, S., Perlman, G., Krueger, R., & Iacono, W. (2012). Is the continuity of externalizing psychopathology the same in adolescents and middle-aged adults? A test of the externalizing spectrum's developmental coherence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40(3), 459-470. doi: 10.1007/s10802-011-9571-x
- Wander, H. d. C., Patrick, C. J., Krueger, R. F., Markon, K. E., & Pinheiro, Â. M. V. (2010). Validade de construto da versão brasileira do Inventário Espectral de Externalização: Evidências a partir de uma amostra de estudantes universitários. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(5), 206 - 211.
- Zeman, J., Shipman, K., & Suveg, C. (2002). Anger and sadness regulation: Predictions to internalizing and externalizing symptoms in children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 31(3), 393-398.

Anexos

ANEXO I

CONSENTIMENTO INFORMADO

Estudo da relação entre personalidade externalizante e outras características de personalidade

Investigador Responsável: Teresa Pérola; Supervisora: Isabel Santos

Objetivo do estudo:

Com este estudo, pretendemos identificar as relações existentes entre a dimensão externalizante da personalidade (pessoas que tendem a agir de forma violenta, que têm dificuldade de controlar os impulsos, e que por vezes têm problemas de abuso de substâncias) e outras características da personalidade, bem como com diversos aspetos da saúde mental. O presente estudo procura investigar os aspetos referidos junto de uma amostra de reclusos, visando também explorar a relação entre o tipo de crime cometido, o número de condenações e as variáveis em estudo.

Procedimento específico:

Para realizar este estudo, vamos pedir-lhe que preencha um breve questionário sócio-demográfico e em seguida que preencha 6 questionários, de autorresposta.

Duração:

Para a realização destas tarefas, contamos precisar de cerca de 1h30 no total.

Riscos para o participante:

Não há riscos acrescidos pela participação nesta experiência para além dos normalmente encontrados no seu dia-a-dia. Qualquer que seja a decisão que tome, não será prejudicado, nem por participar, nem por recusar participar neste estudo. Este estudo enquadra-se no âmbito da tese de Mestrado em Psicologia Forense da Universidade de Aveiro da investigadora responsável, e não tem nada a ver com o seu percurso prisional ou judicial.

1

Benefícios para o participante:

O único benefício que poderá ter com este estudo é a oportunidade de passar por uma experiência diferente, de refletir sobre si próprio ou ainda de poder contribuir para a investigação científica. A sua participação, ou recusa em participar, não influenciarão o seu percurso prisional.

Compensação:

Não existe qualquer tipo de compensação e, como temos vindo a dizer, a investigadora neste estudo não tem nada a ver com o seu percurso prisional ou judicial.

Confidencialidade:

A informação fornecida ou quaisquer dados recolhidos ao longo deste estudo, através dos procedimentos que lhe explicámos, serão mantidos em confidencialidade. Os nomes de cada participante serão substituídos por números.

Além disso, os dados que recolhermos serão tratados, analisados e divulgados de modo anónimo e apenas em grupo, nunca individualmente. Não nos interessa estudar só uma pessoa, mas sim um grupo de pessoas. Por isso, a sua identidade não será revelada, nem durante a análise dos dados, nem quando os resultados deste estudo forem divulgados.

Os resultados e conclusões da investigação serão apresentados em congressos e outros encontros científicos, podendo ser também publicados, obedecendo ao objetivo da investigação científica. Os dados serão também usados para a redação de uma tese de mestrado, podendo ainda ser utilizados noutros trabalhos académicos.

Os dados **não podem** ser utilizados a título individual ou coletivo para processos de acusação ou defesa em tribunal, na prisão ou qualquer outra instância.

Natureza voluntária da sua participação:

A sua participação neste estudo é voluntária. Tem direito a não querer participar. Mesmo que concorde em participar, poderá desistir em qualquer momento do estudo, sem qualquer penalização para si. Caso queira desistir, a meio ou no final da experiência, todos os dados recolhidos a seu respeito serão de imediato eliminados.

Contacto:

Caso deseje obter informações adicionais sobre o trabalho realizado deverá contactar os Técnicos e/ou Direção do Estabelecimento Prisional em que se encontra, pedindo-lhes que entrem em contacto com o Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e com o investigador responsável pelo estudo, Teresa Pérola, ou a sua supervisora, Isabel Santos, que estarão disponíveis para esclarecer qualquer dúvida ou questão relacionada com esta investigação.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Tomei conhecimento do objetivo do estudo e do que tenho de fazer para participar no mesmo. Tive oportunidade de ler este consentimento informado e fui esclarecido de todos os aspetos que considero importantes. Tive oportunidade de colocar as questões que considere pertinentes, e as mesmas foram respondidas e as minhas dúvidas esclarecidas.

Fui informado que tenho o direito de recusar participar ou desistir em qualquer momento do estudo, e que essa recusa ou desistência não terão consequências para mim. Foi-me garantida a confidencialidade de toda a informação recolhida sobre mim durante este estudo. Compreendi que os meus dados e a minha participação no estudo não serão usadas a título individual ou coletivo para processos de acusação ou defesa em tribunal, na prisão ou qualquer outra instância.

Assim declaro que aceito participar na investigação.

2

Nome do Participante

Data

Assinatura do Participante

Nome do investigador que recolhe os dados

Data

Assinatura do investigador que recolhe os dados

Observação final: Rubricar cada uma das restantes páginas deste documento.

ANEXO II



QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

1. Idade

2. Escolaridade

3. Profissão

4. Crime (s) pelo qual está detido

5. Pena a cumprir

6. Tempo de pena cumprido na atual detenção

7. Número de condenações

8. Tempo total de reclusão

ANEXO III

Tabela 4. Coeficientes de Correlação de Spearman entre externalização, personalidade, ira, regulação emocional, pena, pena cumprida, condenações e tempo total de reclusão

	Pena	Pena Cumprida	Condenações	Tempo Total de Reclusão
IE				
Desinibição Geral	-.04	.03	.21	.09
Agressão Insensível	-.14	-.10	.06	.05
Uso de Substâncias	-.19	-.03	-.20	-.13
NEO-FFI				
Neuroticismo	-.04	.08	.17	.09
Extroversão	.07	.03	-.04	-.07
Abertura à Experiência	.03	-.08	-.17	-.30*
Conscienciosidade	.14	-.01	-.04	-.18
Amabilidade	.03	.03	.17	.07
STAXI				
Ira-Estado	-.13	-.12	.13	.10
Ira-Traço	-.06	.04	.07	.08
QRE				
Reavaliação Cognitiva	.01	-.08	-.08	.02
Supressão Expressiva	.24	.19	.20	.23

*p<.05

ANEXO IV

Tabela 6. Coeficientes de correlação de Spearman entre externalização, personalidade, ira e regulação emocional no grupo de reclusos e não reclusos

	Reclusos			Não Reclusos		
	Desinibição Geral	Agressão Insensível	Uso de Substâncias	Desinibição Geral	Agressão Insensível	Uso de Substâncias
NEO-FFI						
Neuroticismo	0.40**	0.24	0.22	0.28*	0.12	0.05
Extroversão	0.07	0.02	-0.14	0.06	-0.00	0.06
Abertura à Experiência	-0.15	-0.07	-0.08	0.04	0.23	-0.05
Conscienciosidade	0.02	-0.17	-0.19	-0.17	-0.27*	-0.18
Amabilidade	0.28*	0.10	0.23	0.44**	0.37**	0.16
STAXI						
Ira-Estado	0.45**	0.43**	0.15	0.28*	0.27*	0.20
Ira - Traço	0.37**	0.35**	0.29*	0.43**	0.29*	0.16
QRE						
Reavaliação Cognitiva	-0.27*	-0.19	-0.05	-0.17	0.07	0.06
Supressão Expressiva	-0.16	-0.02	-0.21	0.13	0.36**	0.24*

* p<.05; ** p<.01